

APAGAMENTOS: hipóteses de trabalho

Gavin Adams

Gavin Adams é artista e pesquisador. Estudioso da história das tecnologias de visualização 3D, completou um doutorado sobre a estereoscopia no Brasil na ECA-USP, sob orientação do prof. Arlindo Machado. Formado em gravura pela universidade de Oxford e com mestrado da Royal College of Art, Reino Unido, seu trabalho artístico hoje envolve projeções multimídia, aparatos ópticos e espaços urbanos. Seu trabalho inclui atuação nas exposições SP3D no MASP (2004) e Ilusão de Verdade (2006), no SESC-Pompéia. Fundador do coletivo de arte MeioLAB. É co-autor (com Solange Lima e Vania Carneiro) do vídeo Poses do 19 e da instalação interativa de mesmo nome, exibida no Museu Paulista por ocasião da exposição Olho Cíclico (2004).

A série de imagens exposta na galeria virtual da revista *Proa* obedece a um procedimento experimental de produção: a série foi realizada a partir da aplicação de um procedimento-padrão a um grupo de imagens pré-existentes. As imagens pertencem a uma mesma categoria, que é a representação do negro na iconografia da escravidão brasileira. E o procedimento utilizado é simples: a remoção digital de todas as figuras de escravos e a 'restauração' do espaço vazio deixado pelo recorte.

A operação de apagamento foi executada sobre dez imagens extraídas do livro *Travessia da Calunga Grande* (Edusp/Imprensa Oficial, 2000) – uma compilação de desenhos, pinturas, gravuras, fotografias e esculturas produzidos entre o século XVI e o XIX, retratando negros africanos e afro-descendentes no Brasil, reunidas por Carlos Eugênio Marcondes de Moura.

Ao descrever o trabalho como uma série, procuro sublinhar o processo, sugerindo que o artista ainda não selecionou os resultados segundo padrões estéticos; os resultados parciais estão em aberto e a chave dos procedimentos utilizados está explicitada, de modo a convidar que outras análises venham a compor o quadro crítico.

Uma área cujo interesse parece natural no compartilhamento de reflexões é a História, particularmente em suas análises de material iconográfico. A pergunta guia desse diálogo poderia ser: "que novas análises históricas hipotéticas são propiciadas a partir das manipulações do artista?". Ou ainda: "As manipulações formais do artista

ajudam na compreensão das operações de análise iconográfica efetuadas pela História?”

Apagamentos na arte e fora dela

O apagamento seletivo de imagens tem tradição dentro e fora do campo artístico. Fora dele, o apagamento de imagens ocorreu animado por impulsos iconoclastas. No caso do iconoclasmo cristão, líderes da Reforma protestante tais como Calvino preconizaram a destruição de imagens de santos ou das representações visuais de Jesus e de Deus, baseados na interdição expressa no Segundo Mandamento.



Figura 1 – Catedral de São Martinho na cidade de Utrecht. Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Altaarretabel_Domkerk.JPG

Em contexto secular, o apagamento seletivo tomou forma na remoção da imagem fotográfica de Trotsky. No início do século XX, esse líder soviético perdeu a luta pelo poder para Stálin, que tentou apagar sua presença dos registros oficiais. Entretanto, como Trotsky figurava claramente em vários registros fotográficos junto a Lênin, tais registros, insubstituíveis, tiveram que ser retocados de modo a apagar evidência de participação de Trotsky na liderança do movimento revolucionário.



Figuras 2 e 3- Fotografia da celebração de um dos aniversários da Revolução Russa, publicada oficialmente em 1967. Enquanto na primeira versão da fotografia Trotsky pode ser visto ao lado de Lênin, na segunda foi realizado o apagamento de sua imagem.

Fonte:www.newseum.org/berlinwall/comissar_vanishes/reinventing.htm.

Meus Apagamentos dialogam, também, com manifestações artísticas mais recentes, tal como o trabalho de Fred Wilson, que rearranja peças do acervo de museus, procurando arrancar novos significados, ocultos nas apresentações institucionais. O trabalho de Wilson revela que novas configurações expositivas podem trazer à tona discursos que jaziam menos visíveis, porém latentes dentro do mandato estabelecido pelos formatos museológicos tradicionais. Trabalhos neste sentido incluem *Metalwork 1793-1880* e *Modes of Transport 1770-1910*.



Figura 3 – Fotografia da Exposição *Metalwork 1793-1880*, de Fred Wilson.
Fonte: <http://www.pbs.org/art21/slideshow/?show=90>



Figuras 4 e 5 – Fotografias da Exposição de Fred Wilson, *Modes of Transport 1770-1910*. Fonte: <http://www.pbs.org/art21/slideshow/?show=90>

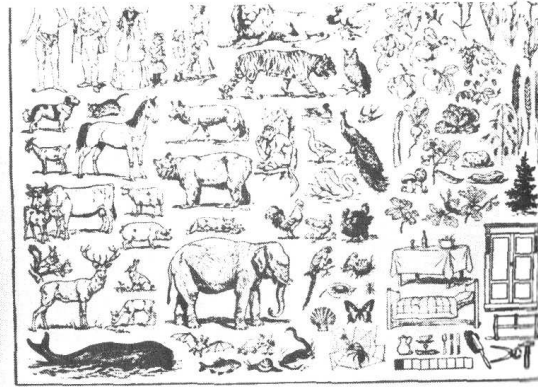
Vale citar também um outro artista que trabalha com a linguagem gráfica por meio de recortes e ocultamentos: o inglês John Stezeaker, que se apropria de imagens fotográficas encontradas em cartões postais, livros e revistas, para produzir colagens inusitadas com seus fragmentos. As colagens *Untitled (Africa) I* (2005) e *Untitled (Africa) V* (2006) realçam elementos tais como a pose e a vestimenta em dois universos representacionais distintos:



**Figura 6 – John Stezeaker *Untitled (Africa) I*. (2005) Figura 7 - John Stezeaker *Untitled (Africa) V*. (2006)
Fonte: <http://www.theapproach.co.uk/artists/stezaker/19>**

A série de apagamentos aqui proposta guarda parentesco, ainda, com as colagens praticadas por Max Ernst, no início do século XX. O diálogo com Ernst se dá na exata inversão do procedimento adotado pelo artista alemão em *The Master's Bedroom* ou *The Hats Make the Man*, no qual uma página de catálogo é recoberta por camadas de outros elementos visuais, de modo que novas configurações espaciais são

criadas, redesenhando as relações entre os elementos por meio da criação de novos e inusitados contextos visuais.



Nr. 160. Schreiber, Sprach- und Anschauungsunterricht.
Köln: Lehmittelanstalt, catalogo, p. 117, 118

Figura 8 e 9 – Ernst. Página de Catálogo.
The Master's Bedroom, 1920, página do catálogo Kölner Lehrmittelanstalt
Fonte: KRAUSS, R, s/d, p. 55 e 56

O que me convida a tentar estabelecer um diálogo entre os apagamentos no material iconográfico brasileiro e a obra desse surrealista é a reflexão acerca do formato página de catálogo. Este tipo de disposição de imagens de produtos comerciais sem um contexto pictórico a unificá-los é transformada radicalmente quando Ernst introduz relações espaciais perspécticas, como que forçando o observador a admitir que as relações propostas pelo artista *sempre estiveram lá*, ainda que não imediatamente visíveis e obliteradas pelo formato catálogo.

Atuação-padrão em base de dados

Em relação aos procedimentos do trabalho de apagamento que apresento, é relevante anotar o que Lev Manovich afirma sobre esse tipo de operação, no contexto das mídias digitais¹. O teórico russo afirma que o computador introduz na cultura contemporânea um novo paradigma narrativo, antes representado pelo cinema: a base de dados. Não interessa aqui argüir sua discutível tese da "projeção da ontologia do computador na própria cultura", que teria se tornado hegemônica no mundo contemporâneo. Interessa, não obstante, lançar foco sobre a aplicação de um procedimento padrão (o algoritmo) em uma dada coleção, a base de dados, operação típica da computação. Entre as vantagens proporcionadas por esse tipo de operação,

podemos citar o caráter aberto e antinarrativo dos resultados obtidos, já que fica sugerido que esta operação padrão pode ser aplicada a outras bases de dados e que parte do trabalho criativo ou crítico prossegue na análise de novos resultados, para além do quinhão do “belo” artístico.

Um *modus operandi* comparável foi mobilizado na feitura do vídeo *Poses do 19* (2002), realizado por este autor em co-autoria com Solange Lima e Vania Carneiro, pesquisadoras do Museu Paulista. Nesse trabalho, quase três mil *cartes-de-visite* de autoria do fotógrafo paulistano Militão de Azevedo foram apresentados em rápida sucessão, à guisa de uma seqüência de cinema de animação. Dado que as imagens foram agrupadas segundo descritores formais (pose, gênero do retratado, mobília etc.), o que poderíamos chamar de padrões de pose aparecem na forma de fantasmagórica coreografia.

No trabalho de apagamento realizado para a galeria virtual da *Proa*, estão presentes, portanto, dois elementos fundamentais: o ocultamento estratégico de certas figuras humanas (negros escravos) e a repetição do mesmo procedimento em uma série de figuras pertencentes a uma mesma categoria (iconografia histórica brasileira). Contudo, o passo seguinte – aquele da transposição das conclusões estéticas de volta para o campo da história – não é realizado. Se os resultados estéticos se prestam ou não à generalização histórica é uma questão que não cabe ao artista responder. Mas espera-se que o incômodo visual provocado pela operação artística possa suscitar reflexões interessantes em outras áreas.

Eis, portanto, algumas ponderações acerca da operação de apagamento visual e das reflexões que ele pode suscitar em outros terrenos, para além das artes plásticas. O artista convida o leitor de *Proa* a mirar as imagens propostas e refletir sobre possíveis conseqüências e/ou iluminações que a partir delas possam ocorrer. Desafia-o também a tentar o mesmo procedimento sobre outras imagens. Esperamos que tenha ficado claro que não se trata de mero truque pós-moderno, mas de uma tentativa de abrir canais de comunicação entre áreas ao mesmo tempo díspares e complementares, como as Ciências Sociais e as Artes Visuais, a História e a Fotografia.

Notas

¹ Lev Manovich. Database as symbolic form. Disponível em: [http://transcriptions.english.ucsb.edu/archive/courses/warner/english197/Schedule_files/Manovich/Database as symbolic form.htm](http://transcriptions.english.ucsb.edu/archive/courses/warner/english197/Schedule_files/Manovich/Database%20as%20symbolic%20form.htm)

Referências Bibliográficas

KRAUSS, R. *The optical Unconscious*. Massachusetts & Londres: MIT Press, Cambridge, s/d.

MANOVICH, L. Database as symbolic Form. Disponível em: [http://transcriptions.english.ucsb.edu/archive/courses/warner/english197/Schedule_files/Manovich/Database as symbolic form.htm](http://transcriptions.english.ucsb.edu/archive/courses/warner/english197/Schedule_files/Manovich/Database%20as%20symbolic%20form.htm). Acesso em 05/06/2009.

MOURA, C. E. M. de. *Travessia da Calunga Grande*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2000.

